



DOSSIÊ: ESTAS NÃO SÃO HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS – REPRESENTAÇÕES DA INFÂNCIA NA LITERATURA, NO AUDIOVISUAL E NAS ARTES

Necropolítica em *Leite do peito*, de Geni Guimarães: um dever infantil em infravida

Necropolitics in Leite do peito, by Geni Guimarães: a childhood-becoming in infra-live

Necropolítica en Leite do peito, por Geni Guimarães: un devenir-infante en infravida

Cleide Silva de Oliveira¹

orcid.org/0000-0003-4876-0589

cleidedeoliveira@gmail.com

Alcione Correa Alves¹

orcid.org/0000-0002-8405-430X

alcione@ufpi.edu.br

Recebido em: 1 maio 2024.

Aprovado em: 12 ago. 2024.

Publicado em: 19 nov. 2024.

Resumo: Este artigo analisa, em contos de *Leite do Peito* (2001), de Geni Guimarães, aspectos das condições de vida de sua protagonista. Para tanto, parte de um conceito de "biopoder" em acordo com as premissas de Michel Foucault (2005) suplementadas por Achille Mbembe (2014, 2018a, 2018b), especificamente com a noção de "infravida", preconizada por este último, designando um sistema de negações a direitos básicos de subsistências, no contexto da necropolítica. Metodologicamente, a partir de uma abordagem interseccional, desde Patricia Hill Collins (2019), de Sirma Bilge e Patricia Hill Collins (2021), sobretudo no que concerne às variáveis raça, classe e gênero, explora conjunturas de vida sobre o dever infantil da protagonista nos contos "Fim dos meus natais de macarronadas" e "Santa Ceia", de Geni Guimarães. Como resultados parciais, propõe-se uma relação entre as dores a afligir as noções subjetivas da personagem e as afetações psíquicas sofridas no meio árido em que vive com sua família, em um contexto de aviltamento de imunidades, tais como de educação, saúde, lazer e da própria infância.

Palavras-chave: literatura afro-brasileira; Geni Guimarães: conto; Michel Foucault: biopoder; Achille Mbembe: necropolítica; interseccionalidade.

Abstract: This article analyzes, in short stories from *Leite do Peito* (2001), by Geni Guimarães, aspects of the protagonist's living conditions. To this end, it starts from a concept of biopower in accordance with the premises of Michel Foucault (2005) supplemented by Achille Mbembe (2014, 2018a, 2018b), specifically with the notion of infra-life, advocated by the latter, designating a system of denials of basic subsistence needs rights, in the context of necropolitics. Methodologically, from an intersectional approach, from Patricia Hill Collins (2019) and Sirma Bilge and Patricia Hill Collins (2021), especially regarding the variables race, class, and gender, it explores life situations concerning the childhood-becoming of the protagonist in the short stories "Fim dos meus natais de macarronadas" and "Santa Ceia", by Geni Guimarães. As partial results, a relationship is proposed between the pains that afflict the character's subjective notions and the psychic affects suffered in the arid environment in which she lives with her family, in a context of debasement of immunities such as education, health, leisure and childhood itself.

Keywords: Afro-Brazilian Literature; Geni Guimarães: Short Story; Michel Foucault: Biopower; Achille Mbembe: Necropolitics; Intersectionality.

Resumen: Este artículo analiza, en cuentos de *Leite do Peito* (2001), de Geni Guimarães, aspectos de las condiciones de vida de su protagonista. Para ello, parte de un concepto de biopoder acorde con las premisas de Michel Foucault (2005) complementadas por Achille Mbembe (2014, 2018a, 2018b), específicamente, con la noción de infravida, defendida por este último, desestabilizando un sistema de negación de derechos básicos de subsistencia, en el contexto de la necropolítica. Metodológicamente, desde un enfoque interseccional, desde Patricia Hill Collins (2019) y Sirma Bilge y Patricia Hill Collins (2021), especialmente en lo que respecta a las variables de raza, clase y género, explora las coyunturas de vida sobre el devenir-hijo de la protagonista en los cuentos "Fin de mis Na-



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade Federal do Piauí (UFPI), Teresina, Piauí, Brasil.

vidades de fideos" y "Santa Cena", de Geni Guimarães. Como resultados parciais, se propone una relación entre los dolores que aquejan las nociones subjetivas del personaje y las afectaciones psíquicas sufridas en el ambiente árido en el que vive con su familia, en un contexto de degradación de inmunidades como la educación, la salud, el ocio y la propia infancia.

Palabras clave: literatura afrobrasileña; Geni Guimarães: cuento; Michel Foucault: biopoder; Achille Mbembe: necropolítica; interseccionalidad.

Introdução

"Como atar o nó da venda,
se a minha prole só come
nos porões da sociedade,
e se ainda crianças,
batucam suas esperanças numa caixa de
engraxate,
no rosto só traz segredos,
dos becos marginais?
Como fingir, me calar,
se a mulher negra é amarga,
violentada a toda hora,
se lhes indicam que a sarjeta,
o duro frio da rua, são meras opções de
vida?
[...] Como enganar esta dor,
nos corpos tornados calos,
nos peitos arfantes dos homens,
cujas pupilas lhe saltam, gritos miúdos:
vim com fome, estou com fome, sou com
fome?" (Guimarães, 2020).

Do ponto de vista da literatura e, particularmente a nossos fins, de literaturas amefricanas², a pergunta, por vezes, inicia nossa agência sobre um mundo ante o qual exercemos nossas discordâncias. A voz poética em "Versos da indignação", poema de Geni Guimarães em *Poemas do regresso* (2020), enuncia-se em torno de uma pergunta, preparada e desenvolvida ao longo de suas quatro estrofes: na primeira, desenhando um cenário em que, aparentemente, seriam estabelecidos consensos em nome da harmonia de uma coletividade, dado diegético assinalável no recurso aos verbos *aceitar* (verso 3), *adequar* (verso 6) e *fingir* (verso 7), como ações demandadas à voz poética por uma partícula apassivadora de indeterminação: sua interlocutora inicial no poema.

Às vezes, se me insinuem desejos de aceitação:
concordar opiniões,

aceitar todas as versões da bula do comodismo.

Tento esquecer o cinismo

que a massa lança no friso do meu saldo devedor,

adequar o meu discurso à fala da burguesia,

fingir que os conformes todos são reais democracia (Guimarães, 2020).

Na segunda, iniciando o verso 8 com *Mas*, constrói-se o cenário em que a pergunta se instaura, faz sentido e adquire necessidade ante nossas pulsões de vida. A terceira e a quarta estrofes elaboram a pergunta em desdobramentos, aspectos, tópicos, dimensões do que nos constituem vida, para além do que nos espera, para além do que nos é determinado. A construção da pergunta mediante a anáfora de *como* – não comparativo, mas interrogativo – ensina-nos algo sobre o problema de pesquisa do presente artigo: sobre como, na condição de comunidade científica de Estudos Literários, debruçamo-nos sobre nossos próprios textos. As indagações feitas pelo poema a sua interlocução (doravante a nós, igualmente como leitura, também nos direcionam às perguntas estruturantes do epílogo do poema em suas duas últimas estrofes) demandam dimensões de vida. Tomando como contribuição pretendida pelo presente artigo a nossa leitura de literaturas amefricanas e, mais precisamente, de um *corpus* de contística contemporânea de mulheres amefricanas no Brasil, talvez ao menos nem sempre sejam solúveis a um par de conceitos recorrentes em sua explicação: a representação (como problema de pesquisa) e a resistência (como solução modelar). Uma pergunta estruturada por *como* talvez se interesse antes por modos de fazer algo a que se tenha direito do que por um questionamento a esse acesso, a essa condição. Uma pergunta pela vida estruturada por *como* demandaria, sob tais

² Em conformidade a apropriações contemporâneas do pensamento de Lélia González e, particularmente, à necessidade [coletiva, por parte de nossa comunidade científica] de operacionalizar a categoria *amefricanidade*, este artigo adota o termo "Amébricas", assim como suas decorrências imediatas ["amefricanas(os)" lá onde, até aqui, adotáramos "afro-americanas(os)" ou "afrolatinoamericanas(os)"], assinalando o percurso desse movimento nas pesquisas em andamento do "Projeto de Pesquisa e Extensão Teseu, o labirinto e seu nome", das quais este artigo se mostra tributário.

condições, por uma agência de sujeitas(os) ante eventuais carências, insuficiências ou precariedades reiterando, contudo, de modo incisivo, a prerrogativa de direito à vida de parte dessas(es) sujeitas(os) a perguntar. A vida aqui tem de operar como premissa, não como hipótese, tampouco como concessão.

Como engolir este trem,
que engole minha etnia?
Como adoçar esta boca
que é salgada a toda hora
nas máscaras da embolia?
Como enganar esta dor,
nos corpos tornados calos,
nos peitos arfantes dos homens,
cujas pupilas lhe saltam, gritos miúdos:
vim com fome, estou com fome, sou com fome?
(Guimarães, 2020)

Em tal cenário, as perguntas pleiteadas pela voz poética enfrentam os imperativos da primeira estrofe: *Como atar* o nó da venda (verso 17, grifo nosso), de modo a atender o imperativo de *aceitar todas as versões da bula do comodismo?* (tal como solicitado no verso 3); *Como fingir*, me calar (verso 24, grifo nosso), de modo a satisfazer o que se pedira no verso 6? *Como adoçar* esta boca (verso 31, grifo nosso), ou *Como enganar* esta dor (verso 34, grifo nosso), conduzindo-nos à corrupção do próprio corpo para atender aos desígnios do verso 6 em seu constrangimento para *adequar meu discurso?*

O presente artigo solicita a seu público um exercício de leitura em que, em vez de explicar

(e, eventualmente, responder) as perguntas da voz poética em termos de representações de identidades negras na obra de Geni Guimarães, apontando a uma resistência dessas identidades ante o racismo, provavelmente pudéssemos abrir uma perspectiva de leitura na qual nos caiba examinar e compreender algo das perguntas construídas por vozes narrativas nas diegeses de alguns contos de *Leite do peito*. O poema "Vozes da indignação" oferece-nos uma pista inicial, apreciável para desenhar um problema de pesquisa: em vez de uma pergunta a questionar a prerrogativa de existência humana, talvez perguntas [eminentemente] humanas sobre vidas que, nas diegeses³, agem construindo conhecimento sobre si e sobre o mundo⁴.

Para iniciar um tratamento a esse problema, cogitemos inicialmente que, na obra *Em defesa da sociedade*, Michel Foucault (2005) argumenta acerca do poder de soberania do Estado sobre a vida e sobre a morte de sujeitas/os. Eis a pergunta que paira: deixar morrer ou deixar viver? Quando experimentamos a apropriação do biopoder, segundo Achille Mbembe, observamos que a tecnologia implantada pela política dirigente (a *fala da burguesia*, no verso 6 de "Versos da indignação"; os *porões da sociedade*, mais adiante, no verso 18) mostra-se agora sucedida pela biopolítica ou soberania de regulamentação na qual o filósofo aponta esse raciocínio como vigente, qual seja: a morte de determinados grupos torna a vida de grupos superiores privilegiada. Por "grupos inferiores, entendem-se os portadores dos traços fenotípicos considerados discrepantes, estig-

³ De acordo com Gérard Genette (1972, p. 73), "diegese" é termo que se refere "à *l'univers spatiotemporel du récit*" (1972, p. 73) ou "*récit pur*", ou seja, a história narrada ou fábula inserida em um fluxo de tempo e de espaço. É a nomenclatura utilizada literariamente para designar os elementos inseridos no mundo ficcional elaborado pela autoria no conjunto de uma narrativa.

⁴ Em certo sentido, a divisa *Black lives matter*, abraçada por nós como "Vidas negras importam", exige um debate mais efetivo do que uma refutação conservadora [supostamente efetiva] a afirmar que, em verdade, todas as vidas importariam. A divisa, assim como a pergunta diegética no poema e nos contos de Geni Guimarães, parte do pressuposto da necessidade [constante] de reafirmação de existências negadas em sua prerrogativa humana: negação da qual, frequentemente, decorrem apagamentos, supressões, aniquilações, extermínios. A pergunta diegética, em "Vozes da indignação", encontra sua base no *black* e no *women* para, efetivamente, trazer à luz o verbo *matter* em sua polissemia que permite concentrar atenções tanto naquilo que realmente importa sob tais condições (*to matter*), quanto no gesto necessário de assinalar a questão ou o problema em jogo (*the matter*); abre-se um questionamento ao problema de que vidas podem viver e vidas podem morrer. Disso se trata e a isso se dedica o presente texto, sobre a contística contemporânea de Geni Guimarães.

matizados, inferiorizados⁵. Neste interim, "raça" e "negro" são considerados por Achille Mbembe (2014, p. 70) invenções elaboradas com o objetivo de nutrir "a diferença e o excedente". Não é importante que a raça inexista efetivamente, mas que exerça a função de estigmatizar, destruir a moral e até a vida de determinados indivíduos. Para o filósofo, a raça permite a existência de uma hierarquia na qual os desprovidos de determinada estética são mantidos em posição de inferioridade e em conjuntura de degradação⁶.

No desvio do real, a raça opera por detrás da aparência, pavimentando os desequilíbrios sociais impostos, de tal modo que "[...] o racismo consiste, antes de tudo, em converter em algo diferente, uma realidade diferente" (Mbembe, 2014, p. 66). Escamoteando a verdade através da alienação e da negação da humanidade, é possível atingir o objetivo: a subjugação do povo negro. A morte orientada para a raça negra constitui a emergência do biopoder, e o racismo é o mecanismo fundamental ao exercício do poder no Estado Moderno. Em consequência disso, é possível definir o racismo como instrumento que estabelece a linha tênue entre quem deve viver e quem deve morrer.

No contínuo biológico da espécie humana, o aparecimento das raças, a distinção das raças, a hierarquia das raças, a qualificação de certas raças como boas e de outras, ao

contrário, como inferiores, tudo isso vai ser uma maneira de fragmentar esse campo do biológico de que o poder se incumbiu; uma maneira de defasar, no interior da população, uns grupos em relação aos outros. Em resumo, de estabelecer uma cesura que será do tipo biológico no interior de um domínio considerado como sendo precisamente um domínio biológico (Foucault, 2005, p. 304).

O atributo biológico utilizado como segregação a fim de determinar, qualificar, purificar e, por fim, eliminar pessoas é, ao fim e ao cabo, uma finalidade estatal de ordem assassina criada para garantir regalias a quem já desfruta delas na maioria dos aspectos. Na hierarquia das raças, a branquitude⁷ tem o privilégio do comando, da virtude, da posição socioeconômica e do respeito. Por tudo isso, Foucault conclui a inversão dos termos: fazer viver e deixar morrer.

Pelas noções foucaultianas, o Estado trabalha incessantemente no sentido de ampliar essas prerrogativas, normalizando o cárcere, a marginalização e a morte de pessoas negras para justificar sua função genocida cunhada a partir dos racismos e das violências. Amparados na política de não investimento em escolarização, em saúde pública, em justiça, em polícia e em sistemas penitenciários eficazes, os entes estatais seguem atribuindo a pessoas negras o desemprego, o crime, as balas ditas perdidas, os feminicídios e os muitos infortúnios que recaem

⁵ Como artigo introdutório ao tema, recomenda-se a consulta de Teixeira e Freitas (2021). No seu texto, a(o)s articulistas propugnam o suplemento de Achille Mbembe ao conceito de "biopolítica", precisamente para se habilitar a uma compreensão das prerrogativas do Estado para "deixar viver ou deixar morrer" àquelas(es) consideradas(os) sob inadequação ou inaptidão em determinados contextos: "Desta forma, Achille Mbembe aprofunda os estudos de Foucault e indica uma evolução da teoria biopolítica no sentido de transformar-se em uma realidade necropolítica. Em seus estudos, Mbembe justifica esta teoria ao relacioná-la a determinadas problemáticas comumente observadas em países que sofreram processos de colonização, como regimes de escravidão e dominação por parte de seus exploradores, especialmente nos continentes africano e americano. [...] De fato, a teoria biopolítica foucaultiana continua válida no contexto sociopolítico dos tempos atuais. Este período histórico confirma ainda a teoria necropolítica, que possui o racismo como mola propulsora, segundo Achille Mbembe. Desta maneira, pode-se observar a força do poder necropolítico dominar as regiões periféricas das nações mais empobrecidas historicamente. Realidades sociais contemporâneas como a multiplicação de moradias precárias ocupadas por populações famintas, desempregadas e excluídas de quaisquer oportunidades de vida são capazes de comprovar a implementação bem sucedida [sic] da necropolítica no contexto social do século XXI" (Teixeira; Freitas, 2021, p. 86).

⁶ Como artigo introdutório ao tema da raça e do racismo como tecnologia, recomenda-se a consulta de Nascimento e Lopes (2023). No referido texto, os articulistas, para advogar o suplemento de Mbembe a uma ideia de biopolítica a partir de Foucault, ressaltam e debatem o caráter político do *princípio de raça* em Mbembe, construindo sua gênese histórica a fim de, nesse percurso, exemplificar e debater as bases relacionais e históricas de nossas ideias de raça (em vez de sentidos tendendo à fixidez, quando em contextos biológicos ou biologizantes), similares a "uma categoria mental própria da modernidade enquanto projeto de hegemonia europeia" (Nascimento; Lopes, 2023, p. 140). Sobre o ponto, Sílvia Almeida (também citado e comentado pelos articulistas) oferece explanação didática a respeito: "Raça não é um termo fixo, estático. Seu sentido está inevitavelmente atrelado às circunstâncias históricas em que é utilizado. Por trás da raça sempre há contingência, conflito, poder e decisão, de tal sorte que se trata de um conceito relacional e histórico. Assim, a história da raça ou das raças é a história da constituição política e econômica das sociedades contemporâneas" (Almeida, 2019, p. 24-25).

⁷ Considera-se importante mencionar o conceito de "branquitude" apresentado por Sueli Carneiro (2011, p. 91): "[...] sistema de poder fundado no contrato racial, da qual todos os brancos são beneficiários, embora nem todos sejam signatários, pode ser descrita no Brasil por formulações complexas ou pelas evidências empíricas, como no fato de que há absoluta prevalência da brancura em todas as instâncias de poder da sociedade: nos meios de comunicação, nas diretorias, gerências e chefias das empresas, dos poderes Legislativo, Executivo e Judiciário, nas hierarquias eclesásticas, no corpo docente das universidades públicas ou privadas etc."

apenas a quem o poder de proteção deliberadamente insiste em não assistir.

Que a "raça" (ou, na verdade, o "racismo") tenha um lugar proeminente na racionalidade própria do biopoder é inteiramente justificável. Afinal de contas, mais do que o pensamento de classe (a ideologia que define história como uma luta econômica de classes), a raça foi a sombra sempre presente sobre o pensamento e a prática das políticas do Ocidente, especialmente quando se trata de imaginar a desumanidade de povos estrangeiros – ou dominá-los (Mbembe, 2018b, p. 128).

No complexo das opressões interligadas, o racismo parte na dianteira do ordenamento governamental dedicado ao aparato sociológico que resguarda a existência apadrinhada de alguns. A classe, como luta interminável ao longo dos tempos, é, na contemporaneidade, inserida em processos neoliberais e torna a instituição família negra um espaço destroçado no que concerne à aquisição de bens de subsistência. Quanto ao gênero, às mulheres negras pobres cabem o abandono intelectual, a fixação em trabalhos subalternos e a não ascensão profissional.

Sobre a obra de Geni Guimarães, propomos uma poética que se serve dos caminhos da necropolítica, reverberando os carecimentos pelos quais atravessa a família da protagonista e as lutas travadas no contexto da obra *Leite do Peito* para resistir em um meio árido no que se refere à busca pela sobrevivência. Para as irmãs de Geni, o revezamento entre a lavoura, o serviço doméstico e o trato com bebês e crianças põe a descoberto a dupla jornada imposta ao gênero e o afastamento total da escola. Para os homens, o desafio é conseguir o alimento por meio do corte da cana e da plantação de café. Ambos perguntam: "Como adoçar esta boca/que é salgada a toda hora/nas máscaras da embolia?" (Guimarães, 2020, p. 52).

1 O devir de Geni em infravida

Em "Primeiras Lembranças", conto inaugural da obra *Leite do Peito*, de Geni Guimarães, ocorre o desmame da menina Geni. Na época, já vivenciava condições difíceis impostas a ela e à sua família na colônia onde residiam. Os irmãos e

algumas das irmãs mais velhas trabalhavam na lavoura com o pai, enquanto a mãe cuidava das crianças e dos afazeres domésticos junto com Arminda e Cecília. "Não demorou muito, vi a Arminda surgir lá na curva do caminho. Ela tinha ido levar o almoço para o meu pai e os outros irmãos que trabalhavam na colheita do café" (Guimarães, 2001, p. 19). Por tudo isso, não havia tempo para os estudos e, provavelmente, os pais não teriam condições financeiras para investir na educação formal de todas/os as/os filhas/os.

A narrativa seguinte apresenta Geni em seus contatos iniciais com o mundo externo à sua convivência familiar. Em "Fim dos meus natais de macarronadas", as festas de Natal da família são explicitadas, especialmente no que se refere à celebração entre seus irmãos Zezinho e Cema, a menina excepcional. A data era comemorada com uma farta ceia. Não havia presentes nem roupas novas, mas existia uma ansiedade em torno da chegada de uma leitoa encomendada pela matriarca e na escolha de uma galinha para abate. Cada criança tinha uma ave cujo nome elas escolhiam. Também cabia à proprietária determinar qual galinha iria para a panela. Infelizmente, Cema não conseguia defender a sua e, por isso, sempre perdia.

"Uns dias antes do Natal, a gente já nem dormia direito, porque começava a espera. Não esperávamos Papai Noel botando brinquedo nos sapatos. Na verdade, nem sabíamos de sua existência na tradição" (Guimarães, 2001, p. 27). A figura do Papai Noel não constituía um sinônimo da data natalina naquela família, uma vez que não havia uma vinculação entre este personagem e a chegada de brinquedos ou qualquer outro atributo que na sociedade contemporânea alude a consumismo. O que as crianças queriam mesmo era a refeição que não era cotidiana: "[...] a macarronada, as roscas doces, a leitoa, a galinha gorda e o guaraná, que se eu soubesse da existência do uísque, iria ainda preferir o refrigerante borbulhante e quente na boca do caneco de alumínio" (Guimarães, 2001, p. 27).

Infelizmente, naquele ano, haveria uma mudança no festejo antecipada no terceiro parágrafo

do conto em uma quebra de expectativa: "Natais bons eram aqueles. Sem esperas frustradas de presentes, árvores, cartões. Natal para nós era mesmo gostoso, sentados ao redor da mesa, ou num degrau da escada" (Guimarães, 2001, p. 27). Numa reafirmação de que o Natal era aquele elaborado por sua família, a voz narrativa repete a insatisfação em ter esperado inutilmente por itens que nunca fizeram parte de sua realidade. Os pais, desprovidos de bens materiais para ofertar o consumismo próprio daquele período, agora estavam prestes a ver os filhos em contato com os brinquedos tão sonhados; entretanto, o excerto antecipa a finalidade do agrado: a obtenção de votos.

Comia porque o macarrão era lindo, porque era dia de banquete, porque era Natal. Comia porque sim.

E um dia, num ano político, acredito eu, avisaram que não sei quem podre de rico ia distribuir brinquedos para a criançada da colônia. Ficamos eufóricos. Natal com macarronada, leiteoa, guaraná e ainda brinquedos...

Pensei até na hipótese de jogar fora nossos bonecos de sabugo e os caminhões de carréteis. Para mim, escolheria uma boneca grande cabelos compridos e olhos azuis. Para a Cema, uma menor, porque ela ia arrancar os olhos e as pernas mesmo. E para o Zezinho, o que será que eu pegaria? Um trator, um caminhãozinho ou...será que tinha bola? (Guimarães, 2001, p. 28).

A alimentação naqueles dias ainda era mais querida e admirada. Os presentes vieram apenas porque o ano era eleitoral. O doador era alguém que tinha muito e que transformara a tensão normal de todo ano em arrebatamento. Neste caso, dava até para pensar em desfazer-se dos brinquedos rudimentares dos quais dispunham, além de estabelecer o que escolher se fosse possível. O trecho mostra o desfavorecimento financeiro em que vivia a protagonista a partir dos brinquedos dos quais é proprietária e daqueles que almeja: do rústico para o básico aos olhos de quem pode comprá-los.

De acordo com Lilian Deus (2019, p. 85), a narrativa de Guimarães revela a violência postulada pelo capitalismo ao excluir "[...] famílias negras das festividades natalinas quando a lógica engendradora é a do consumo, já que historicamente,

no contexto social brasileiro, são essas famílias que ocupam as margens sociais pautadas pelas relações de classe no país". Dessa maneira, a opressão de classe implica condições de vida precárias. Do ponto de vista literário, este é um aspecto relevante para as análises.

A véspera de Natal é o dia do encontro com o político e, por isso, a mãe veste os filhos com as melhores roupas de que dispõem. Em seguida, dirigem-se para a casa-grande onde mora o administrador da colônia. A espera é longa e dela fazem parte o sol, a sede e o constrangimento. "Era a Cema chorando, urinando nas pernas, e a garotada vaiando o despudor dela" (Guimarães, 2001, p. 29). Diante de tudo, Geni segue com o coração acelerado e preocupada com a condição das/os irmãs/os até que alguém anuncia a chegada do caminhão, o que traz um pouco de acalento. Importante ressaltar o amadurecimento da menina, que ainda muito cedo acumula a função de mãe e de irmã, responsabilizando-se por Cema.

Provavelmente por desconhecer o Papai Noel, Geni fica cismada com o senhor que desce do caminhão: gordo, com roupas e gorro vermelho, botas pretas, luvas brancas e um saco grande nas costas. Em um estranhamento normal para quem nunca o viu, a narradora explicita que a aparência era amenizada pelo fato de portar os presentes. Estava acompanhado de uma mulher branca, vestida de verde, batom vermelho, pó de arroz, sorriso meloso e usando muitos anéis. "A madame alisava as cabecinhas suadas, fazia uma forcinha, rasgava um riso, enfiava a mão no saco e entregava o esperado presente. Lascava um beijo nas bochechas da criançada que saía doida [...]" (Guimarães, 2001, p. 30). A mulher branca e rica é percebida pela protagonista como alguém que precisa desempenhar um papel, demonstrando carinho para além da simples entrega de um brinquedo; contudo, custa-lhe muito executar uma tarefa em meio àquelas crianças negras e pobres.

De acordo com Carlos Moore (2012, p. 228), o racismo consiste em uma restauração "cultural de um conjunto de comportamentos agressivos, vio-

lentos e egoístas cuja finalidade é a estruturação e a sustentação de sistemas de gestão dos recursos em termos racialmente monopolistas". A função básica do racismo é envolver de privilégios um grupo específico da sociedade e fragilizar aquele que detém a diferença fenotípica. Para negras/os, resta a limitação no acesso aos benefícios que é outorgado a outras/os. A restauração consiste em, de certa forma, manter o que foi instaurado no período colonial em uma continuidade das violências desferidas.

Neste interím e de acordo com Collins e Bilge (2021, p. 248-249), o racismo tem ligação com a discriminação de classe, reforçando a teoria da interseccionalidade de acordo com a qual as relações de poder influenciam as conjunturas sociais coletiva e individualmente. Por meio desse dispositivo, a produção de desigualdades sociais deve ser vista a partir de uma entidade que não é inerte; sob diferentes ângulos e contextos nos quais se geram desfavorecidas/os e beneficiadas/os em determinadas situações. No texto literário, o clímax ocorre quando chega a vez de Cema receber o mimo.

Daí a madame enfiou a mão esguia no saco e, quando foi entregar o presente, parou e olhou na carinha negra e boba da minha irmã. Fitou-a com nojo, medo, repúdio, ódio, sei lá. Deu um passo para trás e quase jogou o pacote na cara de Cema. Virou-se apressadamente, sem ao menos o riso fabricado. Sem ao menos atirar-lhe o beijo hipócrita, frio, triste (Guimarães, 2001, p. 30).

Em virtude da deficiência, Cema encontra-se alheia aos gestos e às ações da mulher, desconhecendo também a dor sentida por sua irmã. Por outro lado, as percepções de Geni para as atitudes impetradas contra a inocência da menina causam-lhe uma profunda angústia. "A palavra Dor, tem origem no latim, *dolor*. Sofrimento moral, mágoa, pesar, aflição, dó, compaixão. Não há dor maior ou menor. Dor não se mede. É de quem sente. Há dor. Dor dói e ponto" (Piedade, 2018, p. 17-18). A protagonista percebe o olhar malvado da mulher para Cema. Um gesto que lhe causa enfermidade imediata porque inclui um misto de razões para a existência daquela conduta: dor

pela irmã, por si mesma e pelo pertencimento a uma raça.

Para a mulher branca, o fato de estar em meio a pessoas negras, pobres, crianças e, por fim, uma deficiente mental causava-lhe repulsa incontrolável, isto é, abjeção social. Na busca por um vocábulo adequado para minuciar tamanha aversão, a narradora cita: *nojo, medo, repúdio, ódio, sei lá*. Na expressão *sei lá*, a desistência: não há uma palavra apropriada para descrever um sentimento tão hediondo. Ainda assim, é necessário mencionar o nojo como uma emoção no contexto das afetividades humanas.

De acordo com David Le Breton, as emoções são "emanações sociais ligadas a circunstâncias morais e à sensibilidade particular do indivíduo. Elas não são espontâneas, mas ritualmente organizadas" (2019, p. 149). Por ser plena em fundamentos pessoais, essa sensação dificilmente será disfarçada como acontece com a mulher que entrega o presente à Cema. As emoções são orientadas por interpretações que a/o sujeita/o estabelece acerca de seu entorno, adicionadas aos valores e às perspectivas individuais, revelando juízos morais.

Martha Nussbaum (2006) refere-se ao nojo em vinculação a um critério moral associado a uma regulação. Esse parâmetro viabiliza relacionar a ação perpetrada contra alguém numa atitude de repulsa oriunda da sensação de nojo sentida pelo outro à violação de direitos e à dignidade humana, como ocorre com a irmã de Geni na narrativa: não há moral ou ética na personagem que quase arremessa o presente para Cema.

"*La repugnancia no es un simple disgusto, porque el mismo olor provoca distintas reacciones de repugnancia según la concepción del sujeto respecto del objeto*" (Nussbaum, 2006, p. 107). O nojo não é um simples desgosto, pois a sensação pode provocar diferentes reações de acordo com as concepções da/o sujeita/o em relação ao objeto. Neste caso, a mulher tem introjetada uma hierarquização quando classifica e desvaloriza Cema e não outras crianças na mesma proporção.

A estrutura que inclui uma infante negra em um episódio de abjeção é abertamente de precon-

ceito racial; entretanto, há outros fatores relacionados à menina que necessitam ser elencados. Em que pese a condição de maternagem que Geni ocupa diante da irmã deficiente, a variável interseccional gênero recai sobre seu devir. A classe representa os domínios de poder em que se dão as carências financeiras impostas à família. A raça dita a diferença fenotípica que impõe o contexto de depreciação em todos os âmbitos. Para Cema, ainda incide a condição de saúde que determina a apatia e a repulsa da/o outra/o. Para ambas, a infância consiste em desproteção; ausência de voz ativa e protetora.

Os eixos vistos de maneira separada não explicam o processo, nem levam à compreensão do mecanismo em sua integridade: é necessário considerar a natureza interligada das opressões. A interceptação entre as variáveis raça, classe, condição de saúde, idade e gênero produziu a situação infame vivenciada pelas personagens. Segundo Patricia Hill Collins (2019, p. 57), o pensamento em torno da "interseccionalidade se refere a formas particulares de opressão interseccional, por exemplo intersecções entre raça e gênero, ou entre sexualidade e nação". Nesse sentido, é imperativo visualizar o enlaçamento entre os eixos que produziram injustiças a fim de que se tenha uma medida mais aproximada acerca das consequências do transtorno causado a Cema e a Geni.

Geni e Zezinho ainda receberam os presentes e, como não poderia ser diferente, eles vieram acompanhados do *riso enjoado* e do *beijo grudento*. Em seguida, chegou o adoecimento físico em decorrência da pressão psicológica: dor de cabeça, vômito, fraqueza, ideias confusas. Aquilo que fora antecipado na primeira página do conto é confirmado na última com a repulsa ao brinquedo conquistado e a certeza de que o melhor Natal é aquele *sem esperas frustradas* (Guimarães, 2001, p. 27).

Era a urina da Cema no meu guaraná, e a carinha suada na testa da rosca doce, remoendo lembranças.

Era o meu brinquedo num canto, sem sair do plástico.

Ela toda rebocando o meu tempero e encurtando a minha infância. Era ela matando todos os meus natais de macarronada (Guimarães, 2001, p. 31).

A lembrança do condimento daqueles dias agora será substituída pelo olhar de desprezo da mulher racista que conseguiu, com seus maus sinais, transformar o futuro da menina e abreviar o presente. O uso do pronome indefinido *todos* assinala o fim de um ciclo de recordações afetivas positivas relacionadas ao Natal. Na realidade, há uma desordem psíquica que se retrata nas palavras escolhidas pela narradora; na mistura com que descreve o espaço em volta da personagem conforme excerto transcrito.

Em "Fim dos meus natais de macarronadas", percebem-se carência alimentar e pobreza no que se refere ao lazer das crianças retratado nos brinquedos que utilizam, por exemplo. No contexto da obra *Leite do peito*, as intersecções de raça, classe e gênero ficam cada vez mais profundas conforme se adentra a leitura. Importante saber que o devir da protagonista terá um desfecho feliz em "Força flutuante", quando se torna professora, vencendo o sistema social que impõe a mulheres negras a negação do direito à educação formal e a permanência em espaços domésticos.

– Pai, o que que mulher pode estudar?

– Pode ser costureira, professora... – Deu um risinho forçado e quis encerrar o assunto. – Deixemos de sonho.

– Vou ser professora – falei num sopro.

Meu pai olhou-me como se tivesse ouvido blasfêmias.

Ah! Se desse certo... Nem que fosse pra eu morrer no cabo da enxada. Olhou-me com ar de consolo. – Bem que inteligência não te falta (Guimarães, 2001, 70).

Geni foi a única entre as/os filhas/os que frequentou a escola até o Ensino Médio, com o investimento do pai. O racismo permanece em sua prática pedagógica, mas as agências necessárias ao enfrentamento fazem parte de sua luta desde quando, ainda adolescente, toma a decisão de adentrar aquele espaço. É assim que ela ultrapassa as opressões intersectadas, levando consigo toda uma linhagem para orgulho

da família presente.

Em "Santa ceia" – oitavo conto da obra –, o cenário inicial é o crepúsculo. É quando as mulheres desaparecem para o preparo da alimentação dos familiares que retornam do canavial ou do plantio de café. Naquele horário, também os meninos e as meninas vinham para o banho embalados pela oralidade marcante da poética de Guimarães: "[...] joga água pra cá, joga água pra lá, quero ver quem fica sem o rabo molhar" (Guimarães, 2001, p. 75). Ainda que a vida não fosse fácil, as crianças brincavam como podiam, o que aparece marcado no texto através da tradição oral com o ritmo da cantiga.

Foi num horário e num dia desses que para preparar o jantar da família, minha mãe pegou uma abóbora madura que estava debaixo do banco de madeira e se pôs a descascá-la.

- Vai ter doce, mãe? – perguntei.

- Que doce que nada, manina. Cadê açúcar? Vou fazer quibebe (Guimarães, 2001, p. 75).

Assinalando uma carência financeira na falta do açúcar para produção do doce, a matriarca apresenta uma alternativa para o jantar. O quibebe é uma espécie de purê ou pirão feito com o legume picado. Para além disso, havia uma tristeza naquele ato que levou a menina Geni a um sentimento de culpa: "O que será que eu fiz" (Guimarães, 2001, p. 76). Logo desistiu da vontade de comer doce para agradar a mãe, que forçou um riso e pegou um pedaço de linguiça, continuando os afazeres.

Tirou do armário uma panela, dentro da qual pôs duas colheradas de banha e a colocou sobre a chapa do fogão. Assoprou forte o fogo para reavivar as brasas e, em seguida, jogou os pedaços de abóbora dentro da dita cuja panela.

Antes de fazer o mesmo com a linguiça, pegou um pedaço cru mesmo e entregou-me (Guimarães, 2001, p. 76).

Depois de comer bastante, Geni continuava com o sentimento de culpa e a mãe permanecia com o tom ríspido: "Mãe, por que a senhora não me bate? (Guimarães, 2001, p. 76). Ouviu que nada havia feito de errado, resolveu ficar quieta, porém o senso de observação continuava aguçado: notava as feições da genitora que não

mudavam. Recebeu ordem para ir brincar, mas não saiu sem demonstrar um carinho: "Se o fogo queimar o dedo da mãe, passa ele no cabelo que não arde, tá?" (Guimarães, 2001, p. 76). O trecho denota uma tentativa de agrado por meio de uma receita popular.

Não demorou muito para que o sol sumisse atrás da velha paineira e entrasse com tudo no horizonte, dividindo por instantes, diante dos meus olhos, o abraço entre o céu e a terra.

Não era noite nem dia. Era hora do meu pai e meus irmãos chegarem do trabalho.

Quem primeiro apareceu na curva da estrada foi a Arminda, em seguida o Dirceu, a Iraci e assim todos logo estavam subindo pela escada, entrando pela cozinha e colocando seus pertences (mochilas, facões, moringas) debaixo da mesa (Guimarães, 2001, p. 77-78).

Diante do belo pôr do sol de Guimarães, descrito através da metáfora que funde elementos do cosmos, o trecho confirma o duro trabalho familiar na lavoura, explicitado também nos instrumentos carregados. Inferem-se a subtração das/os filhas/os Dirceu, Iraci e Arminda da escola e o empenho do pai em trazer o sustento para casa, embora, apesar disso, careçam do essencial – como é o caso do açúcar. Verifica-se um desgaste físico sob o sol em um tempo estendido de duração do esforço: um dia inteiro.

Iraci percebeu imediatamente o abalo emocional da mãe e perguntou se Cema deu muito trabalho, tentando encontrar a causa do problema. Aliás, todas/os perceberam, inclusive o pai. Ainda tentaram diverti-la sem saber o que se passava, mas tudo era em vão. "Todos se sentaram à mesa e como meu pai gostava de sentir o cheiro dos alimentos antes de comê-los, destampou as panelas" (Guimarães, 2001, p. 79). Na conversa antes do jantar, o motivo das afetações de Dona Sebastiana surgiram: memórias do passado relacionadas à morte de um filho a afligiam.

- Parece que o cheiro gostoso abre o apetite.

Ao olhar para o quibebe, balançou a cabeça, mostrando ter entendido toda aquela tristeza da minha mãe.

- Bastiana, se fô pra ficar assim, não faça mais e pronto.

- Não tinha outra mistura – explicou ela com uma ponta de choro na voz.

– Então, é melhor comer só o arroz e o feijão puro. Além do mais, pode ser até que nem foi por causa da lombriga aguada. Era a hora dele e Deus chamou.

– Foi lombriga sim. Ficou três dias, pedindo linguíça com abobrinha. Depois começou a inchar, inchar... (Guimarães, 2001, p. 80).

O preparo do quibebe fez com que a mãe recordasse do ocorrido com sua criança. Uma dor que, de tão profunda, é inesquecível. O pai – em sua pertença àquele sofrimento – entendia o olhar de sua cúmplice e sugeriu escamotear um embate frontal com a situação. O choro, mesmo contido, era certo. Sabendo da revolta com a *causa mortis*, ele tenta em vão negá-la: “– A culpa foi do desgraçado do dono da venda – continuou ela, sem dar a mínima atenção ao meu pedido. – Custava ter entregado a porcaria da linguíça?” (Guimarães, 2001, p. 80). A raiva da mãe consistia no fato de ter perdido o filho para a insensibilidade do comerciante em confiar a crédito a venda do produto que supostamente salvaria o filho. “Dali a quatro dias já era dia do pagamento. Abobrinha qualquer um da colônia tinha” (Guimarães, 2001, p. 80).

O pai atribui o sofrimento da companheira ao ódio que ela sente. “– Nem sei. O que não aguento é lembrar que perdi meu filho e que foi por falta de piedade dos outros. Também sou de carne e osso. Não sei não sofrer” (Guimarães, 2001, p. 80). A mãe defende sua humanidade para além da nomenclatura do sentimento que a move. O que fica evidente é que a falta de dinheiro para a alimentação leva à morte de Ditinho.

O óbito por lombriga é característica das populações desfavorecidas porque se trata daquelas que vivem em regiões onde o saneamento básico é precário e, portanto, os alimentos não são higienizados de maneira satisfatória. Ademais, o tratamento com antiparasitários – razoavelmente simples como medida preventiva – também confirma o problema associado à classe. Talvez por desconhecimento, Dona Sebastiana apegar-se a uma explicação nada científica.

No contexto da obra *Leite do Peito*, a morte por lombriga aguada é mencionada também no conto “Metamorfose”, deixando entrever que se trata de ocorrência costumeira entre aqueles moradores.

Na narrativa, a menina Geni encontra-se em uma situação de medo ao tentar decidir sobre faltar ou não a um recital de poema cujo tema é a Princesa Isabel. A timidez é grande, mas o medo de ser castigada pela realeza a quem considera uma santa baseada nos relatos orais de Vó Rosária a leva a imaginar um julgamento no céu no qual supostamente haveria uma votação.

Segundo a narradora, crianças não tinham voz naquela época, mas, se votassem, Geni conhecia vários anjinhos que intercederiam em seu favor no caso de faltar à apresentação. “A Tilica 1, que morreu de lombriga aguada, a Luzia 2, que morreu de bucho virado, o Jorge 3, que morreu de cair no poço...” (Guimarães, 2001, p. 60). Nesse trecho, encontra-se mais uma ocorrência de enfermidades que levam a óbito infantes pobres por simples falta de assistência médica ou condições de saneamento básico.

A doença conhecida como “bucho virado” é denominada cientificamente como “síndrome do bebê sacudido”, tratada através de métodos espirituais em comunidades que não têm acesso aos sistemas de saúde, o que pode levar à morte. Sobre o caso dos óbitos por queda no poço, constata-se tal recorrência em comunidades desfavorecidas, visto que aquelas com poder financeiro dispõem de métodos mais modernos para acesso à água. Todas as mortes infantis mencionadas podem ser atribuídas a condições classistas: a de Ditinho, a de Tilica, a de Luzia, a de Jorge. Todas, crianças negras imersas em planos de necropolítica.

Apreendem-se os eixos sociais raça, classe e idade nas considerações realizadas; uma encruzilhada que promove a piora das condições de vida de pessoas como a protagonista e sua família. Mesmo que a morte não chegue, a negação do acesso a bens imediatos (como alimentação diária de qualidade), ao lazer (como a falta dos brinquedos), à educação, à saúde e às demais formas de assistência cuja responsabilidade é estatal, nos dizeres de Mbembe, denomina-se “infravida”:

É também constituída pelo próprio acto de atribuição – esse meio pelo qual certas formas

de *infravida* são produzidas e institucionalizadas, a indiferença e o abandono, justificados, a parte humana do Outro, violada, velada ou ocultada, e certas formas de enclausuramento, ou mesmo de condenação à morte, tornadas aceitáveis (Mbembe, 2014, p. 66, grifos nossos).

Em língua portuguesa, o significado do prefixo *infra-* é “antes, abaixo de”, “sem atividade humana necessária para ser considerada vida”. “Infravida”, portanto, é uma referência às condições de sobrevivência em que se encontram determinadas pessoas em meio à ausência de recursos e que, em algum momento, podem representar a morte. Por ocupar um posto tido como menor na escala hierárquica, a existência de comunidades inteiras está imersa em condições de aviltamento dos bens sociais, culturais, morais e materiais⁸.

Nesse contexto, Nogueira, Seixas e Alves (2019) discorrem sobre temas como a articulação entre necropoder e neoliberalismo expondo a maneira como o poder soberano se ocupa da morte em vez de ocupar-se da vida e, assim, a política neoliberal transforma o trabalhador em uma espécie de negro escravizado contemporâneo. Segundo os pesquisadores, Mbembe critica a democracia e suas características racistas. Além disso, há uma negação sistematizada do acesso aos bens.

Na negação de direitos, promovem-se a morte e a *infravida*, porque viver doente, sem alimentação é rumar para um fim. Além disso, existem as formas de matar gradativamente; por exemplo, a falta de acesso à educação para manter os padrões de desemprego ou de subemprego e as condições de vida sem ascensão social geração após geração. A “Santa ceia” é a maneira encontrada pela família de Geni para amenizar as dores, majoritariamente a de Dona Sebastiana.

Em silêncio, todas/os deram as mãos e Dirceu iniciou a oração:

– Senhor, mais uma vez nós Vos agradecemos pelo alimento, pelo trabalho e pela saúde – e parou um instante. Como o momento requeria, improvisou, sem muito jeito, o término do discurso espiritual: – Senhor, livrai os nossos corações de tanta... – procurou a palavra – mágoas e dor. Que nós aguente tudo e ainda possa ter a misericórdia do perdão.

Fez o sinal-da-cruz e conosco encerrou:

– Amém.

Cada um pegou seu prato e o encheu com arroz, feijão e salada de rúcula.

A panela com o quibebe permaneceu intacta.

Ninguém a tocou (Guimarães, 2001, p. 80).

A palavra-chave do discurso do filho é “resignação”. Um pedido a Deus para que aceitassem com mansidão as atribuições determinadas pelos governos para conferir vida a uns em detrimento de outros – embora não conhecessem este plano. O quibebe virou banquete para porcos, e a panela onde fora cozido transformou-se em um vaso para a planta onze-horas: um ritual realizado na tentativa de enterrar o passado de tristezas simbolizado na presença daquele alimento.

Considerações finais

Apreende-se das narrativas de Guimarães a atribuição do embrutecimento ligado à raça em nome do capitalismo que move as políticas ocidentais. Em uma soberania de regulamentação, conforme explicita Mbembe, a raça constitui dispositivo para a execução do trabalho desumano, da desconsideração das subjetividades e das rasuras de identidades. São planos mórbidos que incluem o desfazimento das infâncias,

⁸ Há uma justificativa para nosso recurso à tradução de *Crítica da razão negra* em edição portuguesa, a despeito das circunstâncias de circulação e partilha de pensamento amefricano em traduções brasileiras para português brasileiro nos últimos cinco anos, colaborando decisivamente para a formação de redes acadêmicas amefricanas que circulam em nosso meio. O presente texto recorre à tradução portuguesa supracitada pela aposta interpretativa nos sentidos veiculados pela ideia de *infravida*. A esse respeito, vejamos o mesmo trecho, em sua tradução ao português brasileiro: “[...] Mas ela também é constituída no próprio ato de designação – o meio pelo qual certas formas de subvida são produzidas e institucionalizadas, a indiferença e o abandono justificados, a parte humana no outro violada, velada ou ocultada e certas formas de encarceramento e até mesmo de abate toleradas” (Mbembe, 2018a, p. 45). De modo análogo ao ganho de sentidos que termos circulantes entre nossas redes amefricanas de pensamento, como *encarceramento* [em massa, como metonímia a necropolíticas perpetradas pelo estado brasileiro contra populações negras] e *abate*, a adoção do termo *infravida* faz-nos avançar nas leituras de Geni Guimarães: ao tempo que o prefixo *sub-* convida-nos a humanidades de segunda categoria, às quais talvez coubesse nossa luta por reivindicar, restabelecer, o prefixo *infra-* apela a algo mais agudo, atinente à negação de humanidade [porque nós, gente negra, corresponderíamos a algum estágio anterior à humanidade mesmal, assim como (sentido igualmente suportado pelo sufixo) algo na base, estruturante do que por ele designamos. A tese de Silvío Almeida (2019), assim como a pesquisa de Nascimento e Lopes (2023), é alusiva à relação entre racismo e capitalismo, sendo o primeiro como *necessidade* ao segundo: a *infravida* como se parte da infraestrutura. Para avançar na referida apropriação da noção de *infravida*, consulte-se Oliveira (2024).

expondo-as a condições de necropolítica, com a imposição de amadurecimento precoce como forma de agenciamento contrário aos ataques racistas e intersectados.

Quando Piedade (2018) tece acerca da dor que acomete pessoas negras, refere-se aos sofrimentos psíquicos resultantes de abordagens violentas (como ocorre com Cema) no contato social e às respostas físicas que o (seu) corpo emite, como é o caso da incontinência urinária. O xixi como mecanismo de excreção humana pode conduzir à ponderação acerca da condição cognitiva de Cema em torno da análise que se realiza sobre a consciência que ela tem a respeito da realidade à sua volta. Estaria a personagem totalmente alheia às agressões que lhe eram desferidas? No contexto das infâncias perdidas, crescidas prematuramente, excluídas de seus direitos, o direito de Cema a gozar de uma condição especial de saúde não era respeitado, e ela redarguia a isso.

Diante de tudo, Geni respondia com vômito, fraqueza, desordem psíquica, dor de cabeça, arritmia. A observação aguçada transforma-se em sofrimento, uma vez que ela detecta rapidamente a abjeção, a rejeição, o desprezo. Foi assim que cresceu a menina negra: sob a égide dos mecanismos de exclusão, imersa no cotidiano do trabalho duro em que vivia sua família, com restrições alimentares, nas fraturas de identidades marcadas por vidas perdidas ou sofridas, em infravida.

Referências

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019. (Pensamentos Plurais).
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. Tradução: Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.
- COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. Tradução: Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2021.
- DEUS, Lílian Paula Serra e. Resignificar existências: a escrita de Geni Guimarães e a rasura do cânone literário brasileiro. In: GOMES, Carlos Magno (org.). *Escritas da resistência: intersecções feministas da literatura*. Organização: Carlos Magno Gomes, Christina Bielinski Ramalho e Ana Maria Leal Cardoso. Aracaju: Criação Editora, 2019. Disponível em: <https://editoracriacao.com.br/wp-content/uploads/2019/12/volume-1-19-11-1.pdf#page=77>. Acesso em: 16 dez. 2023.
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975 – 1976)*. Tradução: Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- GENETTE, Gérard. *Figures III*. Paris: Éditions du Seuil, 1972.
- GUIMARÃES, Geni. *Leite do peito*. Ilustrações: Regina Miranda. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2001.
- GUIMARÃES, Geni. *Poemas do Regresso*. Rio de Janeiro: Malê, 2020.
- LE BRETON, David. *Antropologia das emoções*. Tradução: Luis Alberto S. Peretti. Rio de Janeiro: Vozes, 2019.
- MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Lisboa: Antígona, 2014.
- MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Tradução: Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1, 2018a.
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. Tradução: Renata Santini. São Paulo: n-1, 2018b. Disponível em: <https://www.procomum.org/wp-content/uploads/2019/04/necropolítica.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2024.
- MOORE, Carlos. *Racismo & Sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo*. 2. ed. Belo Horizonte: Nandyala, 2012.
- OLIVEIRA, Cleide Silva de. *O devir-negro em personagens infantis: Geni Guimarães como prefácio a uma contística brasileira contemporânea*. 232 fl. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2024.
- NASCIMENTO, Elielvir; LOPES, Adauto. Crítica da raça e crítica do capitalismo em Achille Mbembe. *Polymatheia: revista de filosofia*, Fortaleza, v. 16, n. 3, p. 134-160, 2023. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revistapolymatheia/article/view/12172>. Acesso em: 1 maio 2024.

NOGUERA, Renato; SEIXAS, Rogério Luís; ALVES, Francisco Brunior. A necropolítica na eminência do devir-negro do mundo. *Voluntas: revista internacional de filosofia*, Santa Maria, v. 10, p. 150-167, ago./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/40049/21441>. Acesso em: 9 fev. 2022.

NUSSBAUM, Martha. *El ocultamento de lo humano: repugnancia, vergüenza y ley*. Tradução: Gabriel Zaidunaisky. Buenos Aires: Katz, 2006. Disponível em: <https://ddooss.org/libros/nussbaum.pdf>. Acesso em: 2 set. 2023.

PIEDADE, Vilma. *Dororidade*. São Paulo: Nós, 2018.

TEIXEIRA, Glícia Édeni de Lima; FREITAS, Ramiro Ferreira de. Entre Foucault e Mbembe: da biopolítica à necropolítica no século XXI. *Cadernos Cajuína*, Teresina, v. 6, n. 1, p. 84-94, 2021. Disponível em: <https://cadernos-cajuina.pro.br/revistas/index.php/cadcajuina/article/view/451>. Acesso em: 1 maio 2024.

Cleide Silva de Oliveira

Doutora (2024) e mestra (2019) em Letras/Literatura pela Universidade Federal do Piauí. Integrante dos Grupos de Pesquisa "Amefricanidades: lugar, diferença e violência" e "Teseu, o labirinto e seu nome", em que realiza estudos e palestras acerca da produção literária de mulheres negras, especificamente sobre as construções identitárias das protagonistas da contística afro-brasileira. Atualmente, professora vinculada à Secretaria Estadual da Educação do Piauí. Realiza pesquisas na área das literaturas contemporâneas escritas por mulheres afro-brasileiras, além das relações étnico-raciais e interseccionalidades presentes nessas obras, sobretudo no que tange às infâncias negras.

Alcione Correa Alves

Doutor (2012) e mestre (2008) em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor associado II na Universidade Federal do Piauí, onde tem desenvolvido atividades docentes de ensino, extensão e pesquisa, em graduação e pós-graduação. Tem coordenado, desde 2010, o Projeto de Pesquisa e Extensão "Teseu, o labirinto e seu nome", dedicado ao tema das construções identitárias nas literaturas amefricanas.

Endereço para correspondência

CLEIDE SILVA DE OLIVEIRA

Rua Governador Artur de Vasconcelos, 1188, Bairro Porenquanto, 64002-530

Teresina, Piauí, Brasil

ALCIONE CORREA ALVES

Rua Antônio de Castro Franco, 556, ap. 705, Bairro Fátima, 64049-484

Teresina, Piauí, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.